

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM UMA TURMA DE 1º ANO DO ENSINO MÉDIO: OBSERVAÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES

Jailma OLIVEIRA DOS SANTOS (autor)
Aldenise FRANCISCO DE SOUZA (coautor)

Universidade Estadual da Paraíba

Jailma.safsz@hotmail.com

aldenisesouza@gmail.com

INTRODUÇÃO

O ensino de gramática ainda hoje é visto por muitos como a maneira de ler e escrever com sucesso, mas para chegar a esses parâmetros são essenciais outros tipos de conhecimentos, pois gramática e língua são completamente diferentes, “o uso da língua, além da gramática comporta um léxico e supõe ainda regras de textualização e regras de interação, decorrentes das situações sociais em que acontecem a atividade verbal” (ANTUNES, 2007, p. 54).

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa que se refere ao ensino de gramática há uma dúvida que surge com frequência se devemos ensinar a gramática, “para que ensiná-la e como ensiná-la” (CECÍLIO, 2004, p. 18).

Há uma longa tradição do ensino que valoriza a norma culta, a gramática tradicional, sabemos que essa continua tendo seu espaço garantido no contexto escolar. “Procura-se fazer frente à tradição gramatical, convidando o professor a abrir as portas da sala de aula para diversidade de gêneros que circulam socialmente, estimulando a produção textual” (NÓBREGA In: AZEREDO, 2008, p. 74).

Nosso objetivo é diagnosticar o ensino gramatical em uma turma de 1º ano do ensino médio de uma escola pública verificando se o ensino é estrutural ou contextualizado e como esse ensino influencia na aprendizagem dos alunos.

É a partir dessas preocupações contidas nesse artigo que o mesmo pretende identificar tais equívocos em relação ao ensino de gramática estabelecendo uma ponte em relação ao ensino gramatical estrutural e o contextualizado, analisando e

descrevendo o ensino de Língua Portuguesa em uma turma do 1º ano do ensino médio.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa consistiu em observações e anotações de 4 horas/aula observadas em uma turma do 1º ano do ensino médio contendo 30 alunos no turno da tarde. Essas aulas observadas ocorreram em 04/11/2013 e 11/11/2013, todas na E.E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho da cidade de Guarabira-PB. Depois dos materiais coletados foram feitas as transcrições destas aulas verificando se o trabalho com a gramática é feito sob os padrões contextuais ou se essa ferramenta de ensino da Língua Portuguesa ainda se encontra pautada no ensino estrutural.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Nas duas primeiras aulas observadas no dia 04/11/2013 consistiu em uma espécie de revisão das classes de palavras. A professora foi colocando palavras de classes diferentes no quadro e formando uma oração, dessa oração um período e perguntava aos alunos, à medida que as palavras iam sendo colocadas na lousa, a que classe pertencia e, uns poucos arriscavam responder alguma coisa num tom de voz tão baixo que quase ninguém escutava.

Foi impossível exemplificar dessa forma todas as classes de palavras e por isso, ela resolveu passar um exercício escrito, que não era do livro didático para os alunos. A professora em nenhum momento aproximou os conteúdos trabalhados para as realidades dos alunos.

Deve-se participar ativamente no auxílio aos alunos, procurando sempre colaborar no processo ensino/aprendizagem, como frisa sabiamente FREIRE (1996, p.59) “O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros”.

Sabemos que a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de socialização e possam agir sobre (e com) ele, transformando-os, continuamente, nas suas ações, conforme as demandas trazidas pelos espaços sociais em que atuam. Assim conforme consideramos o papel da Língua Portuguesa é o de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação (PCNs, 1998, p).

Para que isso aconteça nas aulas de Língua portuguesa, o professor precisa trabalhar de maneira interativa, pois ensinar é o unir o coletivo e transferir o conhecimento de forma significativa para cada aluno de modo que, todos participem do processo ensino/aprendizagem.

As duas últimas aulas observadas dia 11/11/2013 foi sobre produção textual. Nessa aula, a professora trouxe para sala de aula a proposta da redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Ela simplesmente perguntou aos alunos quem havia se submetido ao exame e poucos responderam configurando assim que poucos realizaram a prova do ENEM.

A professora explicou rapidamente e de maneira oral, sem nenhum texto em mãos, o que era uma redação para o ENEM, sua estrutura composicional e falou também de textos motivares, tudo de maneira oral e muita rápida. Sem nenhuma exemplificação, pediu aos alunos que formassem duplas e entregou a cada dupla a proposta da redação do ENEM 2013, para que, os mesmos fizessem uma redação.

Essa aula não se prolongou muito se configurando em aula não proveitosa ainda mais, se tratando de um assunto importante para os alunos do ensino médio, que é a produção oral e escrita dos alunos, enquanto sujeitos capazes de expor seu ponto de vista crítico.

Antes mesmo de qualquer produção textual, o professor precisa trabalhar com os alunos esse conceito de textualidade, aproximando-os cada vez mais do sentido do texto, ou seja, instigando o uso do diálogo na sala de aula inserindo-se assim na perspectiva interacional em que o papel do professor é o de intermediário da experiência com o uso linguístico capaz de levar o aluno a desenvolver suas próprias competências crítico discursivas, pois

[...] todo enunciado que porta sempre uma função comunicativa apresenta necessariamente a característica da textualidade. Quer dizer, em qualquer língua, e em qualquer interação verbal, o modo de manifestação da atividade comunicativa é a textualidade [...] (ANTUNES, 2010, p. 29).

O desenvolvimento do saber linguístico implica leitura compreensiva e crítica de textos diversos: produção escrita em linguagem padrão, análise e manipulação da organização estrutural da língua e percepção das diferentes linguagens (literária, visual etc.) como forma de compreensão de mundo.

O ensino de língua portuguesa destina-se a preparar o aluno para lidar com a linguagem e suas diversas situações de uso e manifestação, inclusive a estética,

pois o domínio da língua materna revela-se fundamental ao acesso as demais áreas do conhecimento.

Atender necessidades singulares de determinados alunos é estar atento à diversidade: é atribuição do professor considerar a especificidade do indivíduo, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das medidas adotadas. [...], a atuação do professor em sala de aula deve levar em conta fatores sociais culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor ou psíquico, ou a superdotação intelectual. Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a autoestima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, ou seja, por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam às necessidades individuais. (PCNs-Introdução, 2001, pp. 96,97).

Dessa maneira, no ensino de língua portuguesa, a unidade de ensino precisa o texto, propulsor da atividade crítica imaginativa do aluno como leitor e produtor. Assim sendo, torna-se extremamente plausível o reconhecimento de fatos linguísticos a partir de uma análise contextualizada, tendo em vista o aspecto funcional da língua como as diversas situações comunicativas.

CONCLUSÃO

Ao fim deste artigo, são várias as conclusões a serem tiradas.

Percebemos que o ensino contextualizado de gramática preconizado pelos PCNs não é aplicado em sala de aula e que, os professores de língua portuguesa focalizam apenas o ensino gramatical apesar dos alunos já estarem no ensino médio alegando que o ensino gramatical estrutural é menos complexo para os alunos que o ensino contextualizado.

Através do mesmo compreendemos que, a formação do professor ultrapassa os limites da sala de aula e não se concretiza de uma só vez, pois se trata de um processo contínuo, que não engessa e se estagna a conceitos teóricos adquiridos durante a Universidade, mas sim, é composto por um conjunto de experiências vividas e adquiridas da relação intrínseca entre teoria e prática e toda vivência profissional no decorrer dos anos.

Ademais, as experiências levaram-nos a perceber que há muito que fazer para situações como as contidas neste artigo, como ensinar qualquer coisa, de qualquer maneira aos alunos deixem de ocorrer e sejam sanadas de forma a realmente propiciar ao aluno um aprendizado de qualidade para que o mesmo seja capaz de relacionar-se de igual pra igual em nossa atual sociedade, que cobra a cada dia mais de nós.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (coleção leitura).

NÓBREGA, Maria José. Perspectiva para o trabalho com a análise linguística na escola. In: AZEREDO, J.C.D. (Org.) Língua Portuguesa em debate: Conhecimento e ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.